

Os Descobrimentos Portugueses e o Encontro Intercultural em Macau num Poema Desconhecido de Austin Coates: “Macao”



ROGÉRIO MIGUEL PUGA*

Macau tem sido uma presença constante nas literaturas britânica e anglófonas desde finais do século XVI, mas sobretudo após a fundação de Hong Kong,¹ e um dos autores mais associados ao enclave nas culturas anglófonas é, sem dúvida, Austin Coates, que publicou dois estudos historiográficos sobre o enclave – *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong* (1966) e *A Macao Narrative* (1978) –, um romance histórico cuja acção tem lugar principalmente no território – *City of Broken Promises* (1967) –, tendo redigido um poema, intitulado “Macao” (1950), que até recentemente se encontrava inédito e é, portanto, relativamente desconhecido. Ao longo do presente estudo analisaremos este último texto lírico através do imaginário que caracteriza a cidade histórica e o multissecular encontro sino-português que aí tem lugar.

Numa primeira parte, apresentamos alguns dados biográficos de Austin Coates de forma a contextualizar a produção do poema, bem como a imagem de Macau que o autor plasma em vários textos e entrevistas.

* Doutorado em Estudos Anglo-Portugueses. Investigador no CETAPS – Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde também lecciona, e Professor na Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa (Instituto Politécnico de Lisboa).

Ph.D. in Anglo-Portuguese Studies. Researcher at the CETAPS – Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, Faculty of Social Sciences and Humanities of the Universidade Nova de Lisboa, where he also teaches, and lecturer at the School of Communication and Media Studies (Instituto Politécnico de Lisboa).

Numa segunda parte do artigo transcrevemos o poema “Macao” e estudamos o mesmo através das já referidas temáticas e de uma abordagem comparatista que aproxima o texto a *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, enquanto seu intertexto.

1. O AUTOR E A SUA (OBRA EM TORNO DE) MACAU

Austin Francis Harrison Coates (1922-1997), diplomata, historiador, romancista e membro da Royal Asiatic Society, nasce em Londres (16-04-1922), durante o nono ano de casamento do compositor Eric Coates (1886-1957) e da actriz Phyllis Black Coates (1894-1982), sendo filho único do casal.² Durante a Segunda Guerra Mundial, o jovem viaja, pela primeira vez, rumo à Ásia, desempenhando, entre 1942 e 1947, o cargo de oficial da British Royal Air Force Intelligence na Índia, em Rangum, capital da então recém-fundada Birmânia, em Singapura (1945-1946), e em Jacarta, onde em 1947 se torna observador inglês do processo de descolonização holandesa. As sucessivas viagens do autor pelo Oriente levam a que o contacto com realidades diversas de espaços-Outros se torne um tema recorrente na sua obra literária,³ nomeadamente Macau. De regresso a Inglaterra, no ano seguinte, Coates, com 27 anos de idade, alista-se no British Colonial Civil Service e inicia a sua carreira diplomática, sendo nomeado

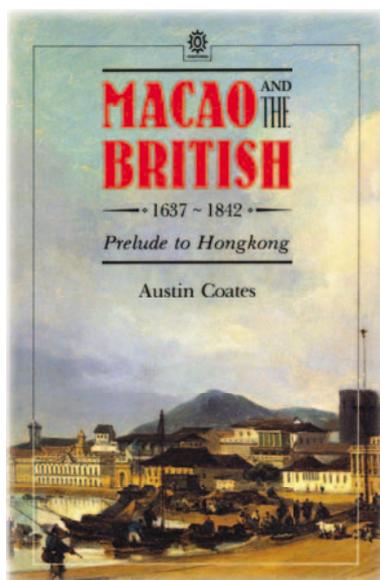
MACAU: ARTES & LETRAS - I

secretário-assistente colonial até 1956 na Hong Kong conturbada pelas transformações políticas na China.⁴ Entre Maio de 1953 e Julho de 1955 Coates desempenha as funções de magistrado e *district officer* nos Novos Territórios da Hong Kong rural, experiência que descreve 13 anos mais tarde numa das suas obras mais famosas, *Myself a Mandarin*, através de 16 casos resolvidos no seu 'tribunal'.⁵

Durante o primeiro ano em Hong Kong, o romancista visita Macau e deixa-se desde logo seduzir pela exótica vivência do primeiro e último entreposto europeu na China, como descreve em 1993:

"logo depois de ter assumido funções no governo colonial de Hong Kong, em 1949, [...] vim pela primeira vez a Macau. Por sorte. No *ferry* em que viajei estava José Guterres e a mulher, Maria (que eram de Xangai). Ele era muito interessado em história, na história da comunidade portuguesa do Extremo Oriente, e mostrou-me pessoalmente Macau. Guiou-me num *tour* interessantíssimo em que vimos todos os monumentos históricos durante um fim-de-semana inteiro. [...] Fiquei imediatamente fascinado desde os primeiros contactos com a presença portuguesa no Oriente. O primeiro encontro aconteceu casualmente em Bombaim com a comunidade goesa, em 1944, e o que mais me fascinou foi a beleza da música popular que resultava de uma simbiose entre os ritmos indiano e português. Depois, numa localidade a norte de Calcutá, onde estive destacado como oficial britânico, vi no interior de templos hindus representações de portugueses, com os seus chapéus típicos, e de caravelas portuguesas. [...] Mais tarde em Malaca, conheci muitos portugueses. [...] Macau foi sempre melhor governado que os outros territórios portugueses [...]. Os britânicos impuseram a sua presença pela força [em Hong Kong] enquanto os portugueses foram convidados para se estabelecerem em Macau."⁶

Em 1957, Austin Coates é transferido, a seu pedido e até 1959, para Sarawak, na Malásia



Oriental, como magistrado, conselheiro para os assuntos chineses e administrador do distrito de Kuching; e, entre 1959 e 1962, o diplomata é primeiro secretário da British High Commission em Kuala Lumpur e Penang (George Town), na Malásia Peninsular. Durante a sua permanência no Oriente assiste à descolonização do Império Britânico antes de se tornar *free-lance travel writer*.

Em 1962, aos 40 anos de idade, Coates abandona a carreira diplomática, estabelece-se em Londres e dedica-se inteiramente à escrita. Em 1966, o autor publica o seu primeiro estudo sobre Macau e

as presenças portuguesa e inglesa no delta do rio das Pérolas, *Prelude to Hong Kong*, mais tarde reeditado com o título *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong* (1988). Em 1967, Coates publica o romance histórico e *Bildungsroman* feminino *City of Broken Promises*, cujas preparação e investigação histórica haviam sido iniciadas em Hong Kong e Macau anos antes.

Em Julho de 1965 o romancista é opositor ao concurso para o cargo de director dos Serviços de Turismo de Singapura, função que desempenha até 1966, ano em que regressa à China para aí viver e escrever durante 27 anos. É durante a segunda estada em Hong Kong que Coates se deixa envolver de forma mais profunda e pessoal pela Macau pitoresca, que descreve como:

*"a fascinating place. Without question another world, charmingly peaceful and quiet. We could picnic in the middle of the Avenida da Praia Grande without getting in the way of the traffic. I think there were 27 cars in the whole town at the time. Nothing ever happened in Macao before eleven in the morning. The local intelligentsia would then gather at the Hotel Riviera for cups of strong coffee. [...] Just the six of them! The group became seven when I joined them."*⁷

A representação do *modus vivendi* e da sonolência da urbe é recorrente na literatura inglesa, nomeadamente num breve texto de Shann Davies que descreve a procrastinação como característica de Macau: *"The*

MACAO: ARTS & LETTERS - I

Portuguese have a word for progress in Macau: amanhã [...], the day when plans will be implemented, projects finalised and action taken”.⁸ Numa outra ocasião, no final dos anos 80, Coates enfatiza as dimensões histórica e portuguesa do enclave:

*“Macau is an extremely interesting place, quite unique, quite unique. There’s nowhere like it anywhere else in Asia, and probably not in the world. The problem for a historian is that they don’t have records, or at least not very many. You see, in former centuries the Portuguese didn’t write things down as a rule – they considered themselves gentlemen, and some of them were gentlemen, and they simply trusted each other’s word.”*⁹

O romancista conclui que o território é considerado um local único no mundo não apenas por turistas, mas também por historiadores de renome mundial como Charles Ralph Boxer,¹⁰ seu conhecido:

*“For historians of a place that is unique in the world as an international trading centre it [the lack of historical sources] is a disaster! My old friend the historian Jack Braga used to say ‘If only I could find a bill of lading, just one...’ Well, Charles Boxer found one – one, I may say – in Lisbon. But the lack of records is the primary problem for Macau historians, particularly records of trading transactions.”*¹¹

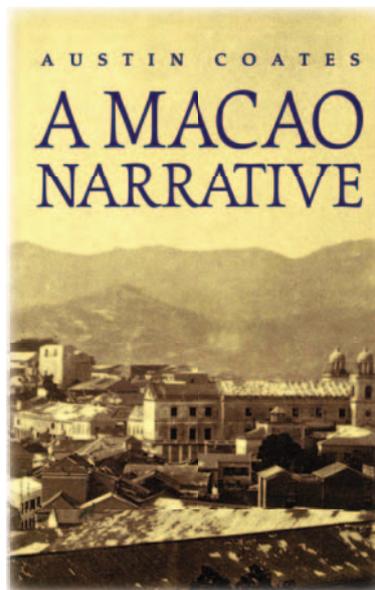
A colaboração e amizade entre Coates e o historiador macaense Jack Maria Braga¹² surgem em Macau, e, em 1951, Braga convida o primeiro para apresentar uma comunicação no Sino-British Club e no Instituto Português de Hong Kong sobre a presença inglesa em Macau e envia-lhe apontamentos para futura discussão.¹³ Em 1974, Coates decide abandonar Hong Kong e viver na Europa, escolhendo o seu país favorito, Portugal, para se estabelecer. Essa mesma relação, que dura até à morte do autor, tem início em Macau, através de amizades como as que mantém com os historiadores macaenses Luís Gonzaga Gomes¹⁴ e Jack M. Braga, tendo este último colaborado na investigação do romancista sobre o enclave, nomeadamente para redigir

City of Broken Promises. No décimo dia da estada do escritor em Lisboa, a revolução de Abril e um contrato para um novo livro levam-no de novo a Hong Kong, adiando este a sua decisão de se estabelecer em Portugal durante mais 18 anos, até que em 1992, após mais de 50 anos de aventuras asiáticas, o projecto finalmente se concretiza, data a partir da qual Coates passa a residir em Colares, numa casa adquirida em 1985. Próximo de Sintra, o romancista dedica-se à escrita, falecendo, conforme noticia a imprensa portuguesa,¹⁵ vítima de cancro, em 16 de Março de 1997, aos 74 anos de idade, na Rua das Horas da Paz. Os seus restos mortais encontram-se no jazigo da família Coates, no Golders Green Crematorium, em Londres.

Coates caracteriza a sua forma de ‘escrever História’ como “light and easy to read”,¹⁶ e a sua obra de cariz historiográfico e biográfico torna-o uma referência recorrente nos estudos e bibliografias de orientistas e sinólogos mundiais. O autor publicou, como já afirmámos, dois estudos ilustrados sobre Macau – *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong* e *A Macao Narrative* –, bem como o romance histórico *City of Broken Promises* (1967), mantendo-se o poema “Macao” (1950) inédito até à publicação da nossa tese de doutoramento (2009),¹⁷ e, mais tarde, de um nosso artigo da revista *ANQ: A Quarterly Journal of Short Articles, Notes and Reviews*, publicada pela Routledge nos Estados Unidos da América.¹⁸

Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong e *A Macao Narrative* é, tal como o poema de que

nos ocuparemos, dedicado a Jack M. Braga e sintetiza a presença britânica no Sul da China desde a chegada da frota de John Weddell, em 1637, até às Guerras do Ópio e à fundação de Hong Kong, tendo como fio condutor a importância de Macau para o China Trade. Na bibliografia final, o autor afirma que a maioria da informação utilizada advém da “tradição oral” de Macau, de jornais como *The Canton Register* e *The Chinese Repository*, de documentos europeus e chineses cedidos por Jack M. Braga e da lista de estudos que apresenta no final, sem que essa bibliografia secundária seja citada ao longo do texto.



MACAU: ARTES & LETRAS - I

Já *A Macao Narrative*, traduzida para português por Luísa Guedes com o título *Macau: Calçadas da História* (1991), é um esboço geral da história do enclave até cerca de 1862. Na bibliografia final Coates agradece, mais uma vez, a valiosa colaboração do historiador macaense Jack M. Braga, a quem dedicara o poema “Macao”, afirmando:

*“A great deal about Macao’s early history went unrecorded and is unknown. [...] It was not until the last hundred years that the past was brought gradually to reveal its secrets, thanks to the work of modern scholars, of whom the most notable are the Marques Pereiras, Montalto de Jesus, J. M. Braga, Professor Charles Boxer, Father Gervais, Jordão de Freitas, Dr Armando Cortesão, Luis Gonzaga Gomes, and father Manuel Teixeira. [...] Apart from various minor points arising from my own investigations, the present work follows these authorities. Any unattributed quotation in the text is from one or other of the works of J. M. Braga, whose magnificent collection of printed works on the Portuguese in the Far East is accessible to the public in the National Library of Australia, Canberra.”*¹⁹

A investigação sobre Macau que Coates levou a cabo ao longo de anos ecoa no poema de que nos ocupamos, redigido por Coates em Manila. De seguida apresentamos a transcrição desse texto lírico, que se encontra nos espólios de Austin Coates (espólio pessoal do autor, Colares, Lisboa) e de J. M. Braga (Biblioteca Nacional da Austrália, Camberra), bem como um estudo em torno do imaginário intercultural do poema de Coates que dialoga, assim, intertextualmente com a sua restante obra dedicada ao enclave.

2. O POEMA “MACAO”: TRANSCRIÇÃO E ESTUDO²⁰

Macao

Here is the end of all men’s journeyings,
The charted limit of their venture, where the springs
Of enterprise are mudded in the flow
Of calm fulfilment, and where lie enmeshed below
Weed-plaited prows round which the races swirled
That once bore witness to a Lusitanian world.

Here life has let its proudest fortress pass
To weather-humbled mounds of castellated grass

Where sentinel blue moths assail the wind
On ramparts legioned by the light-leaved tamarind,
And nostrils of old cannon nerve the air
To seaward, and the foe who will no more appear.

Here Latin arches grace a Chinese court,
And on Renaissance tiles Confucius’ laws are taught;
Each transept where a Roman censer swings
Is acrid-scented with ancestral offerings,
Within, the hand-blown diapason swells:
Outside, a choir of crackers, clogs and pewter bells.

Here lies the catafalque of a crusade
Whose cross and stone oblivion’s evergreen will shade,
Yet which, as shadows draw penultimate,
Extends its shape and, merging into night, grows great,
As in their death the poorest richly lie,
Calm on their lips the rumour of eternity.

[Assinado] Austin Coates
This Week, Manila
April, 1950

Como já referimos, o texto é dactilografado em Manila, onde Coates se desloca, nesse mesmo ano, como coordenador de uma delegação de Hong Kong ao congresso mundial da organização Jaycee.

O imaginário marítimo do poema remete para os Descobrimientos portugueses, para a presença lusa na China e para a vivência dual, porque chinesa e portuguesa, da Cidade do Santo Nome de Deus de Macau ao longo de quatro sextilhas compostas por versos decassílabos e dodecassílabos, com rima externa predominantemente consoante e emparelhada, à excepção dos dois últimos versos, que, sendo soltos,²¹ chamam a atenção do leitor para a musicalidade do final do texto. O sujeito lírico elabora o seu apanágio da façanha marítima dos portugueses, simbolizando Macau, através de uma sinédoque, o culminar temporal e geográfico desses feitos. É nesse espaço, apresentado na primeira estrofe e fortemente marcado pelo tempo, que se conjugam e inter cruzam, cumulativamente e ao longo dos séculos, as civilizações ocidental e oriental:

... and where lie enmeshed below
Weed-plaited prows round which the races swirled
That once bore witness to a Lusitanian world.

MACAO: ARTS & LETTERS - I

O enclave, “limite geográfico de aventuras”, é apresentado como o destino final do viajante no Oriente, conforme veiculam quer a epanáfora quer o termo “where”, que dão continuidade ao sentido progressivo das quatro estrofes. O campo semântico do poema, complementado pela simbologia dos adjectivos da segunda estrofe (*proudest, castellated, blue, light e old*), adquire logo na primeira sextilha, ao referir-se ao *Lusitanian world*, um tom laudatório, semelhante ao de *Os Lusíadas*, através de termos como *enterprise, venture e fulfilment*, processo que, juntamente com a aliteração da sibilante e o vocábulo *where*, se arrasta ao longo da composição poética apoiado por vocábulos como *proudest, crusade e eternity*. No seu poema épico, Camões exalta a superioridade dos feitos marítimos e da fama do herói português do Renascimento,²² que supera os antigos heróis através de *topoi* como ‘o moderno *versus* o antigo’, a descoberta do ‘supremo real’;²³ o ‘*primus inventor*’;²⁴ ‘a experiência *versus* o saber livresco’;²⁵ ‘as armas e as letras’ e o encontro-confronto de culturas exóticas,²⁶ tal como o sujeito poético de “Macao” faz ao colocar, profundamente interligadas, embora num espaço relativamente estagnado, as vivências portuguesa e chinesa, que se afastam da enérgica actividade lusa do século XVI. Se o empreendimento dos argonautas portugueses se encontra enredado em proas afundadas que “outrora testemunharam um mundo lusitano” (tradução nossa), também as arcadas latinas favorecem um tribunal chinês e os princípios confucionistas são ensinados sobre tijoleiras renascentistas, enquanto, no transepto de cada igreja e durante o movimento do turíbulo, o incenso católico remoinha em torno do odor libertado pelos pivetes oferecidos por chineses às suas divindades.

Através da enumeração, o sujeito lírico remete para os espaços quer interiores, onde soa o diapasão, quer exteriores, onde se ouvem um coro de panchões, socas e sinos, sensações sonoras e olfactivas que caracterizam o quotidiano de Macau, como indica a aliteração consonântica no último verso da terceira estrofe: *Outside, a choir of cracklers, clogs and pewter bells*

(sublinhados nossos). A pavimentação quinhentista da urbe alude simbolicamente à sua fundação portuguesa (ca. 1557), ilustrada pela forte vivência religiosa que caracteriza a sua história, uma vez que a tolerância permite a convivência e a comunhão não apenas de culturas, mas também de fés diversas [*Latin [...] Chinese*].

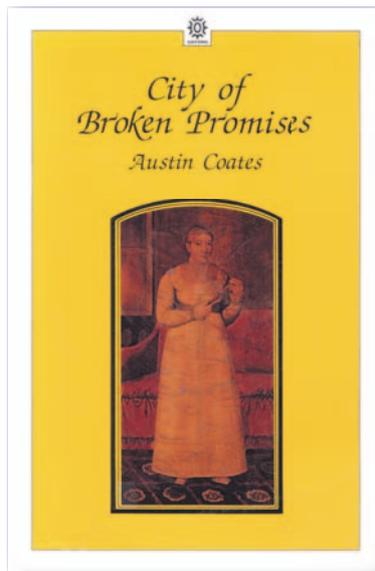
Os fortes altaneiros encontram-se adornados pelas narinas de canhões personificados e transformados em humildes montículos de terra esbatidos pelo tempo, tal como *City of Broken Promises* representa ao utilizar essa mesma imagem:

*Observed at closer range the fort was less imposing.
Despite its cannons nosed seaward over the roofs,
an air of dereliction invested it, as
though, not having been used for a
century or so, the cannons might emit
only bird's nests.*²⁷

As igrejas também marcam presença no texto, tal como o “rumor da eternidade”, uma vez que as presenças lusa e sínica se fundem num território que recorda à humanidade os seus limites, desventuras e fortunas. A representação lírica do território aproxima-se das descrições de viajantes ingleses, nomeadamente a de Alexander Hamilton, que visita Macau em 1703, e, como se tornará habitual nos relatos de viagem britânicos, descreve a posição geográfica da urbe, os

portos, a paisagem humanizada, os filhos bastardos de comerciantes, os numerosos clérigos e as defesas físicas e militares enfraquecidas, pelo que o enclave já não era a fortaleza que fora na sua época áurea, da qual restam apenas as majestosas igrejas e outros edifícios de prestígio.²⁸

A última sextilha conclui o poema de forma sentenciosa, aludindo à actividade missionária na China levada a cabo a partir do enclave e à fachada das ruínas de São Paulo, *whose cross and stone oblivion's evergreen will shade*, imagem que aproxima o texto de um dos mais famosos hinos religiosos de Sir John Bowring (1792-1872), um dos primeiros governadores de Hong Kong, pois, de acordo com alguns dos seus biógrafos,²⁹ a cruz no topo da fachada de São Paulo inspira os seguintes versos do hino:



MACAU: ARTES & LETRAS - I

*In the cross of Christ I glory,
Towering o'er the wrecks of time;
All the light of sacred story;/Gathers round its
head sublime....³⁰*

O texto lírico de Coates representa assim uma Macau luso-chinesa, sonolenta e pitoresca, cuja gloriosa memória é eterna devido à importância do seu passado histórico, que, por sua vez, o imaginário colectivo não deixa esbater, como demonstra a legião personificada de tamarindos a guardar os parapeitos e as muralhas que outrora defenderam a cidade do *foe who will no more appear*, ou seja, de históricos 'inimigos' como, por exemplo, os holandeses, que, em 1622, a tentam, em vão, tomar dos portugueses; daí que a brisa seja dirigida pelos canhões para o mar, de onde a cidade retira, desde a sua fundação, o seu sustento e a razão da sua sobrevivência.

As vivências militar, comercial e religiosa do território constituem, assim, as temáticas principais do poema descritivo, sobretudo através da sugestão de toda uma atmosfera histórica que se testemunha nos confins do Império Português. Os tempos verbais utilizados no início e no final da primeira estrofe, o

presente e o pretérito perfeito [*Here is the end [...]/That once bore*], enfatizam a dicotomia passado-presente, que é retomada na última sextilha, concorrendo para a ciclicidade temática do poema através do *topos* da memória do passado glorioso materializada nos monumentos e nas construções de prestígio como os fortes e as igrejas. Se a primeira estrofe exalta, através do imaginário da viagem, o extenso mundo ultramarino português, de que Macau é uma parte e o confim, a segunda caracteriza esse espaço militar e marítimo agora indefeso porque já sem inimigos; daí que as sentinelas sejam borboletas da traça que se juntam ao cair da noite, momento aproximado à morte, cujo jogo de sombras e escuridão jamais cairá sobre a eterna História da Cidade do Santo Nome de Deus; daí o recurso à expressão *the rumour of eternity*. A terceira sextilha condensa a vivência multirreligiosa e cultural do enclave através da enumeração de registos sensoriais, acabando a última estrofe por sugerir um pôr-do-Sol na imponente fachada das ruínas de São Paulo, por sua vez metaforizada como catafalco³¹ de uma cruzada, enquanto os pobres morrem cientes da riqueza eterna que a história e o exemplo de Macau simbolizam. **RC**

NOTAS

- 1 Sobre a representação de Macau na Literatura Inglesa, veja-se Rogério Miguel Puga, "Macau enquanto 'cronótopo' exótico na literatura inglesa", pp. 705-723; idem, "Macau na poesia inglesa", in Ana Maria Amaro e Dora Martins (coord.), *Estudos sobre a China VII*, vol. 2, pp. 847-882 e "Macau na literatura inglesa", *Revista de Cultura/Review of Culture*, n.º 24, Outubro de 2007, pp. 90-105.
- 2 O esboço biográfico que aqui apresentamos é um resumo do que já anteriormente publicámos em Rogério Miguel Puga, *A World of Euphemism: Representações de Macau na Obra de Austin Coates: City of Broken Promises enquanto Romance Histórico e Bildungsroman Feminino*, pp. 41-62, e idem, "À descoberta de Macau. Austin Coates (1922-1997): A viagem oriental de um diplomata romancista", *Macau*, IV Série, n.º 21, Dezembro de 2010, pp. 36-41.
- 3 Cf. Austin Coates, em entrevista a João Guedes, "The Gentleman of Colares", *Macau*, edição especial inglesa, 1997, p. 134: "I was called up to do my military service with the RAF. I need hardly tell you I was very disappointed. However, now with hindsight, I realise that it was a good thing otherwise I would have ended up forever writing scripts and I would never have led the life I have led."
- 4 O próprio autor refere essa decisão e a sua chegada à colónia inglesa cercada por tropas chinesas nas suas memórias de 'mandarim' rural, *Myself a Mandarin: Memoirs of a Special Magistrate*, 1990, pp. 15, estabelecendo uma relação causal entre a colonização vitoriana do enclave e a típica "distância mental" inglesa relativamente aos acontecimentos políticos na China profunda. Sobre este período

- histórico em Hong Kong, G. B. Endacott, *A History of Hong Kong*, p. 310, afirma: "The central feature of Hong Kong's post-war history has been the appearance of a vast new immigrant population from the mainland, following communist successes in the Civil War and particularly their capture of Canton in October 1949 [...]. The population of 1,600,000 at the end of 1946 had swollen to an estimated 2,360,000 by the end of 1950 and to 2½ millions at the end of 1956", realidade que se aproxima da que o romancista descreve em entrevista a Mandie Appleyard, "Coates Captures Colonial Spirit", *Hong Kong Standard*, 11-04-1988, p. 15: "My first nine or 10 months were very exciting, but we had one million refugees to cope with. The streets were littered with people sleeping and living on the pavements. They were building houses frantically all over the place and shanty towns were going up."
- 5 Vide James W. Hayes, "The Old Popular Culture of China and its Contribution to Stability in Tsuen Wan", *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 30, pp. 4, 23 e Allen Chun, *Unstructuring Chinese Society: The Fictions of Colonial Practice and Changing Realities of "Land" in the New Territories of Hong Kong*, 2002, pp. 77-84, 104, n. 44. O último autor estuda uma disputa legal entre membros de uma família chinesa resolvida por Coates, enquanto *district officer*, em 1954, e cuja documentação se encontra nos Public Records de Hong Kong (Administration HKRS 116, Acc. 56, Deposit 1, Serial 88, "Land Dispute among Lam Yee Kiu, Lam Kit Kun and Lam Hin Yan").

MACAO: ARTS & LETTERS - I

- 6 Austin Coates, em entrevista a Paulo Coutinho, “Austin Coates: As Calçadas do Futuro”, *Ponto Final*, ano 2, 2.ª série, n.º 67, 14-01-1994, pp. 18-19, pp. 18-19. Este artigo descreve o curioso episódio que serve de cartão de visita a Coates em Macau, enquanto membro do governo de Hong Kong, na sua primeira noite no território: “[Coates] fica hospedado no corredor da hospedaria de Carmen da Silva, uma female tiger, ali à Praia Grande. Foi com ela – ‘uma cozinheira estupenda’ – que afinou o gosto para os paladares lusitanos...com toque oriental. Afirma aliás, sem sombra de dúvida, que o melhor da cozinha portuguesa são os pratos macaenses. É por essa altura que trava conhecimento com alguns filhos da terra, ligados sobretudo aos meios jornalísticos e intelectuais” (*ibidem*, p. 19).
- 7 Coates, em entrevista a João Guedes, “The Gentleman of Colares”, p. 138. Numa entrevista a Bradley Winterton, *A Season in Macau*, p. 14, o autor repete a mesma ideia em forma de exclamação: “*I first went to Macau in the 1949, when I began working for the Hong Kong government. My goodness, it was a charming place then! So peaceful, so quiet. You could stand and look at a traffic light – I think they had one in those days – and it would change from green to red and green again, and not a single vehicle would have passed. What a difference from today! [...] When you arrived, there was only one hotel where Europeans could reasonably stay in.*” Philippe Pons, *Macao*, p. 102, descreve os encontros dos “aficionados de Macao” no bar do Hotel Boa Vista, entre os quais se encontra Coates, “*a tall, white-haired writer [...], who was both quintessentially British and very rude about his compatriots. Having fled Hong Kong, where he’d based for many years, he went on to write several books relaxing on the Bela Vista’s terrace.*”
- 8 Shann Davies, *Macao*, p. 19.
- 9 Austin Coates, em entrevista a Bradley Winterton, *A Season in Macau*, pp. 13-14.
- 10 Sobre Charles Ralph Boxer, veja-se Dauril Alden, *Charles R. Boxer: An Uncommon Life. Soldier, Historian, Teacher, Collector, Traveller.*
- 11 Austin Coates, em entrevista a Bradley Winterton, *A Season in Macau*, p. 14.
- 12 Para uma biobibliografia do professor e historiador Jack Maria Braga (Hong Kong: 1897-São Francisco: 1988), veja-se Anónimo, “José Maria Braga (Breve evocação na sua morte)”, *Revista de Cultura*, n.º 5, Abril-Maio-Junho de 1988, pp. 95-99.
- 13 Cf. Jack M. Braga, carta dactilografada dirigida a Austin Coates (24-05-1951), 1 p. (espólio pessoal de Austin Coates), cedida por Fung Kwai-yim. O Professor Doutor Paul Rule, com base em investigação levada a cabo no espólio de Jack M. Braga, na Biblioteca Nacional da Austrália, informou-nos que Coates mantém uma intensa troca de correspondência com o historiador macaense nos anos cinquenta e sessenta, intercedendo junto do governador de Macau, em 1954, pois o seu amigo Coates “*is deeply immersed in preparing a book on the ‘British in Macao’, and I am doing all I can to help him. His book is coming along nicely. One thing good about this gentleman is that he does not hesitate to criticize his own countrymen for their misdeeds in Macao.*” [Biblioteca Nacional de Camberra, Braga Papers, carta “JB [Jack Braga] to AO [Albano Rodrigues Oliveira]”, 16-03-1954; transcrição de Paul Rule num dos emails que nos enviou (30-04-2002)].
- 14 Sobre Luís Gonzaga Gomes, veja-se António Aresta, “O Professor Luís Gonzaga Gomes e a divulgação pedagógica da cultura chinesa”, *Administração: Revista da Administração Pública de Macau*, vol. 14, n.º 54, Dezembro de 2001, pp. 1535-1558.
- 15 Anónimo, “Morreu Austin Coates”, *A Capital*, 2.ª série, ano 30, n.º 9102, 18-03-1997, p. 40.
- 16 Austin Coates em entrevista a Mandy Appleyard, “Coates Captures Colonial Spirit”, p. 15.
- 17 Rogério Miguel Puga, *A World of Euphemism*, p. 63; a nossa análise do poema foi publicada pela primeira vez nessa obra (pp. 63-67).
- 18 Rogério Miguel Puga, “Representing the Portuguese Discoveries through “Macao”: A Poem by Austin Coates”, *ANQ: A Quarterly Journal of Short Articles, Notes and Reviews*, vol. 24, n.º 3, 2011, pp. 163-166.
- 19 Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 108.
- 20 Agradecemos a Fung Kwai-yim, herdeiro legal de Austin Coates (espólio de A. Coates), e à Biblioteca Nacional de Camberra, a autorização para transcrever e publicar o poema. Cota do documento na National Library of Australia: MS 4331 (“Papers of J. M. Braga”): 1 p. dactilografada assinada pelo autor.
- 21 Esquema rimático: AABBC/DDEEFF/GGAAHH/IIJJLM. A rima em “__ings” (A) repete-se na primeira e na terceira estrofes através do contraste entre as entoações forte e fraca da mesma terminação [“journeyings” (-) e “springs” (+); “swings” (-) e “offerings” (+)], tal como na segunda estrofe [“wind” (+) e “tamarind” (-)], estratégia que enfatiza a musicalidade do poema.
- 22 Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, V: 7, 42.
- 23 *Ibidem*, I: 24, 26-27, 31, 43, 51, 57; IV: 6, 76; V: 23, 37, 86, 95; VIII: 84, 89; IX: 38, 90 e X: 19.
- 24 *Ibidem*, V: 14 e X: 79.
- 25 *Ibidem*, IV: 94; V: 17-19, 94; VII: 79 e IX: 19.
- 26 Sobre o exotismo antropológico-literário em *Os Lusíadas*, veja-se Rogério Miguel Puga, “A dimensão da alteridade em *Os Lusíadas*”, *Lucero: A Journal of Iberian and Latin American Studies*, vol. 12, Primavera de 2001, pp. 73-80.
- 27 Austin Coates, *City of Broken Promises*, p. 20. Ao subir o Monte, Martha e Ignatius observam as “*decayed old houses [...] wild grass and rocks, the ancient battlements ahead of them*” (*ibidem*, p. 310).
- 28 Alexander Hamilton, *A New Account of the East Indies*, vol. 2, pp. 116-125.
- 29 Consulte-se Verne Dyson, “A Hong Kong Governor and his Famous Hymns”, *The Macao Review*, vol. 2, n.º 2, Agosto de 1930, p. 69.
- 30 *Ibidem*; itálico nosso. De acordo com Charles R. Swindoll, *Growing Deep in the Christian Life*, pp. 245-246, Bowring chega a Macau após um naufrágio no Sul da China e avista a cruz no topo da igreja, exprimindo através dessa imagem no hino a sua gratidão a Deus por ter sido resgatado.
- 31 A imagem do catafalco (de bambus) é também associada a Macau no poema bilingue “Which is the Poets Flight/Qual o Voo do Poeta?”, de Alexandre Pinheiro Torres, *Trocar de Século: Poema/Century Sleep: A Poem*, pp. 78-79.

MACAU: ARTES & LETRAS - I

BIBLIOGRAFIA

- Alden, Dauril. *Charles R. Boxer: An Uncommon Life. Soldier, Historian, Teacher, Collector, Traveller*. Lisboa: Fundação Oriente, 2001.
- Anónimo. “José Maria Braga (Breve evocação na sua morte)”, *Revista de Cultura*, n.º 5 (Abril-Maio-Junho de 1988), pp. 95-99.
- . “Morreu Austin Coates”, *A Capital*, 2.ª série, ano 30, n.º 9102, 18-03-1997, p. 40.
- Appleyard, Mandie. “Coates Captures Colonial Spirit”, *Hong Kong Standard*, 11-04-1988, p. 15.
- Aresta, António. “O Professor Luís Gonzaga Gomes e a divulgação pedagógica da cultura chinesa”, *Administração: Revista da Administração Pública de Macau*, vol. 14, n.º 54, Dezembro de 2001, pp. 1535-1558.
- Braga, Jack M. carta dactilografada dirigida a Austin Coates (24-05-1951), 1 p. (espólio pessoal de Austin Coates), cedida por Fung Kwai-yim.
- Camões, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 1987.
- Chun, Allen. *Unstructuring Chinese Society: The Fictions of Colonial Practice and Changing Realities of “Land” in the New Territories of Hong Kong*. Londres: Routledge, 2002.
- Coates, Austin. “Macao”, cota na National Library of Australia: MS 4331 (“Papers of J. M. Braga”): 1 p. dactilografada assinada pelo autor; espólio pessoal de Austin Coates (Colares, Sintra, Portugal), 1950.
- . *City of Broken Promises*, 3.ª edição. Oxford: Oxford University Press, 1990 [1967].
- . *Myself a Mandarin*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- . *A Macao Narrative*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- Coutinho, Paulo. “Austin Coates: As calçadas do futuro”, *Ponto Final*, ano 2, 2.ª série, n.º 67, 14-01-1994, pp. 18-19.
- Davies, Shann. *Macau*. Singapura: Times Editions, 1986.
- Dyson, Verne. “A Hong Kong Governor and his Famous Hymns”, *The Macao Review*, vol. 2, n.º 2, Agosto de 1930, p. 69.
- Endacott, G. B. *A History of Hong Kong*. Oxford: Oxford University Press, 1977.
- Guedes, João. “The Gentleman of Colares”, *Macau*, edição especial inglesa, 1997, pp. 132-139.
- Hamilton, Alexander. *A New Account of the East Indies*, 2 vols., notas e introdução de Sir William Foster. Londres: The Argonaut Press, 1930 [1727].
- Hayes, James W. “The Old Popular Culture of China and Its Contribution to Stability in Tsuen Wan”, *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 30, 1990, pp. 1-25.
- Pons, Philippe. *Macao*, tradução para inglês de Sarah Adams. Londres: Reaktion Books, 2002.
- Puga, Rogério Miguel. “Macau enquanto cronótopo exótico na Literatura Inglesa”, in Maria Leonor Machado de Sousa (dir.), *Actas do I Congresso de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, 6-8 de Maio de 2001*. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001, pp. 705-723.
- . “A dimensão da alteridade em *Os Lusíadas*”, *Lucero: A Journal of Iberian and Latin American Studies*, vol. 12, Primavera 2001, pp. 73-80.
- . “Macau na poesia inglesa: Sir John Francis Davis, Sir John Bowring, W. H. Auden, Gerald H. Jollie e Alexandre Pinheiro Torres”, in Ana Maria Amaro e Dora Martins (coord.), *Estudos sobre a China VII*, vol. 2. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2005, pp. 847-882.
- . “Macau na Literatura Inglesa”, *Revista de Cultural/Review of Culture*, n.º 24 (Outubro de 2007), pp. 90-105.
- . *A World of Euphemism: Representações de Macau na Obra de Austin Coates: City of Broken Promises enquanto Romance Histórico e Bildungsroman Feminino*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- . “À descoberta de Macau. Austin Coates (1922-1997): A viagem oriental de um diplomata romancista”, *Macau*, 4.ª Série, n.º 21, Dezembro de 2010, pp. 36-41.
- . “Representing the Portuguese Discoveries through “Macao”: A Poem by Austin Coates”, *ANQ: A Quarterly Journal of Short Articles, Notes and Reviews*, vol. 24, n.º 3, 2011, pp. 163-166.
- Rule, Paul. “E-mail pessoal” [com dados sobre o espólio de Jack. M. Braga: Braga Papers, carta “JB [Jack Braga] to AO [Albano Rodrigues Oliveira Biblioteca Nacional de Camberra]”, 16-03-1954] (30-04-2002).
- Swindoll, Charles R. *Growing Deep in the Christian Life: Essential Truths for Becoming Strong in the Faith*. Grand Rapids: Zondervan, 1995.
- Torres, Alexandre Pinheiro. *Trocar de Século: Poema/Century Sleep: A Poem*. Lisboa: Fundação Oriente, 1995.
- Winterton, Bradley. *A Season in Macau*. Hong Kong: Fairfield Books, 1999.